

Arquitetura Popular no Brasil

O que se chama, geralmente, arte popular, não é, como se poderia pensar, a arte do povo, mas a arte das camadas mais pobres e, portanto, menos cultas da sociedade; pelo menos é essa a acepção corrente para as artes populares mais desenvolvidas: música popular é a música dos compositores pobres dos morros, pintura popular, a pintura ingênua e “primitiva” de artistas pouco instruídos.

Poder-se-ia pensar numa arte popular que não estivesse condicionada a esses fatores de pobreza e de falta de instrução? Deixo a quem o queira desenvolver este tema atraente.

O objetivo deste trabalho não é a especulação em termos de arquitetura de um tal problema, mas somente a revelação de alguns aspectos de arquitetura dos barracos, mocambos, casas sobre palafitas e outros tipos de casas construídas pela população menos favorecida das cidades. E a novidade desse assunto consiste, apenas, em que nunca se deu a devida atenção – excluindo certamente os aspectos antropológicos e etnográficos da questão – ao fenômeno puramente arquitetônico dessa atividade construtiva.

Como todas as artes populares, a arquitetura também é rica de sugestões, de ritmos e de invenções, oferecendo características bem nítidas e positivas; logo de início se poderá constatar que as casas de gente pobre no Brasil oferecem condições ambientes muito particulares, condições oriundas, por um lado, dos terrenos em que as mesmas são construídas e, por outro, dos materiais usados na sua execução; os terrenos são aqueles únicos que ficam à disposição dessa gente sem recursos: terrenos quase inacessíveis de morros que, pela sua excessiva declividade, não se prestam ao loteamento; terrenos alagados, cobertos de mangues, sujeitos a serem inundados pelas marés, que, também pela dificuldade dos aterros, ficaram abandonados; os materiais empregados, toda sorte de elementos que sirvam para a vedação e sustentação: tábuas, madeiras retiradas das matas e mangues próximos, latas, palha de coqueiro, capins de espécies diversas, etc. Só por essas condições impostas, um conjunto de habitações construído por gente do povo dá uma visão de bem definida particularidade e ainda um sentido até pitoresco, pois que a este adjetivo estão muitas vezes associados os atributos do abandono e da miséria: é assim uma legítima manifestação de arte popular. As reações emotivas ou sensitivas presentes na construção dos barracos das favelas e dos mocambos não estão, entretanto, na mesma relação das que existem nas outras artes, sobretudo na música, do povo; e é, sem dúvida alguma, nesta última que mais vivos se apresentam os valores sentimentais da arte popular, muito mais do que na pintura ou na escultura, e com maior razão na arquitetura. Não que estes valores sejam diminutos na elaboração das formas arquitetônicas primitivas, apenas se tornam aqui mais difíceis às suas manifestações; em geral as casas de tábuas das favelas são construídas com o objetivo imediato e primário de ser um abrigo; considerações secundárias de beleza e ornamentação, muitas vezes são relegadas; todavia, se observarmos mais devagar esses aglomerados de casinhas, notam-se neles uma constância de proporções e uma insistência uniforme de linhas, que lhes são uma característica fundamental; as plantas dessas pequenas casas são geralmente retângulos alongados, as fachadas principais, definidas pela cobertura em *chalet*, têm de largura aproximadamente a altura do piso à cumeeira; as portas e janelas obedecem também a um instintivo movimento de standardização; são em geral pequenas aberturas em relação às superfícies das fachadas. O que, sobretudo, dá um certo ritmo a esse tipo de casas, além da boa proporção das fachadas laterais, é o emprego freqüente de varandas que são usadas ora na frente, ora lateralmente à casa; às vezes acompanham toda a fachada, às vezes ocupam somente um pequeno espaço diante da porta; as varandas são comumente cobertas, não obstante aparecerem também sem cobertura, todas elas porém são

providas de peitoris de tipos variados e simples; há peitoris que são construídos de tábuas justapostas formando verdadeiras paredes de madeiras há os que são feitos de tábuas altas e finas ou baixas e largas, com espaçamentos diversos; há também os que formam grade em quadrados ou em losangos. Essas grades são de desenho muito simples, mas conseguem dar uma graça toda particular às varandas. Nos mocambos onde as proporções entre as fachadas são aproximadamente as mesmas que se encontram nos barracos das favelas e que possuem também varandas de tabuinhas, há diferenciações apreciáveis na aplicação de certos materiais, há mesmo materiais que nunca aparecem nas favelas do Rio: a palha de coqueiro, por exemplo. Quando o mocambo é inteiramente construído deste material como sucede freqüentemente em muitas praias do Nordeste, a palha é tratada de diferentes maneiras: com uma meia incisão ao longo da nervura principal é dobrada em dois e logo após imbricada uma na outra para formar telhados e paredes; na construção das portas e das janelas as folhas da palha de coqueiro são trançadas em mais de um tipo de trançado lembrando às vezes pelos seus desenhos certas reixas de casas coloniais.

Das casas sobre palafitas do Amazonas o mesmo se poderá dizer quanto ao uso de varandas, não tanto porém quanto às suas proporções, de um modo geral.

Além desses elementos, que contribuem vivamente para a fixação do estilo da arquitetura popular e que são, por assim dizer, de natureza intrínseca, existem os que são impostos pelas condições exteriores. Os órgãos estruturais, necessários à sustentação da casa, quase sempre colocada em terrenos abruptos ou alagados: as estacas mantenedoras do equilíbrio, as “mãos francesas”, os muros de pedra seca, dão às vezes ao conjunto, apesar do aspecto caótico que se tem à primeira vista, uma significação e um relevo que exprimem soluções incompletas de qualquer coisa mais intimamente desejada e apenas não expressa por falta de recursos materiais. Tanto assim que, quando estes recursos existem ainda que escassamente, todos esses elementos arquitetônicos se apresentam mais cuidadosamente tratados; basta olhar-se para algumas das casas da favela de Maria Angu, como a do pescador Castelo Branco, da qual ele próprio foi o arquiteto e construtor, para se ter uma idéia do que seria, em melhores condições de fortuna, um estabelecimento de pescadores surgido da autodeterminação das suas necessidades materiais e estéticas.

Na favela de Maria Angu, colocada sobre esteios de madeira acima das marés, é onde, de certo, se encontram mais bem realizados os objetivos arquitetônicos que já se sentem evoluir nas favelas mais pobres; entretanto, se fosse possível retirar do caos e da confusão construtiva destas últimas o que há de melhor, de mais firme e voluntário, quero crer que se chegaria, em alguns casos, a soluções mais perfeitas, muito embora a impressão geral que se tenha seja a de uma arquitetura da decomposição e do irremediável, talvez à semelhança dessa escultura absolutamente dramática de Germaine Richier.

Convém assinalar, juntamente com as observações já enumeradas, a maneira peculiar do emprego das cores, quando os recursos financeiros permitem esse luxo, nas casas de gente pobre: são sempre cores de origem terrosa intensas, verdes velhos, azuis sombrios, roxos-terra, cores primitivas e profundas, tocadas por uma leve sombra de revolta e de melancolia.

Sobre outros atributos da casa poderíamos nos referir quanto à sua aplicação na arquitetura modesta da gente anônima das favelas e mocambos; dois dentre eles serão aqui ligeiramente assinalados: os jardins e a disposição das ruas. Dos primeiros, difíceis de construir no aglomerado dos barracos, apontam-se alguns exemplos de pequenos espaços suspensos sobre jiraus; em lugares mais afastados dos centros urbanos, onde há um pouco de terreno disponível, os moradores dos mocambos compõem os seus jardins de maneira bem mais interessante, com cercas de ripas ou de faxinas, muitas vezes, também cercas vivas de papoula, de maria-mole ou de capim-açu; nesses jardins são freqüentes as latadas de plantas trepadeiras

das quais se sobressaem o lava-prato e o maracujá. Quanto ao traçado das ruas, se podemos chamar de ruas estreitos caminhos abertos entre as casas aglomeradas, amontoadas numa utilização de espaço levada ao extremo, ele também é próprio e particular; nas favelas ladeirasas, por exemplo, há um mínimo de tratamento nas vielas em subida, procurando-se evitar que a erosão provocada pelas águas dificulte demais o acesso; há favelas em que esses caminhos são escadas de degraus gigantescos, se distribuindo, se infiltrando por entre os barracos que, no seu conjunto, dão a impressão de um burgo miserável, sem muralhas e sem castelo.

1956